

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabrielle Cordeiro Queiroz de Souza

**O AVANÇO DO CONSERVADORISMO E A RESISTÊNCIA DA ESQUERDA: ANÁLISE DO  
CENÁRIO POLÍTICO DAS ELEIÇÕES BRASILEIRAS DE 2022**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Leonardo Silva Andrada

Juiz de Fora

2023

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Gabrielle Cordeiro Queiroz de Souza, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201973029A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O AVANÇO DO CONSERVADORISMO E A RESISTÊNCIA DA ESQUERDA: ANÁLISE DO CENÁRIO POLÍTICO DAS ELEIÇÕES BRASILEIRAS DE 2022**, desenvolvido durante o período de 09/2022 e 01/2023 sob a orientação de Leonardo Silva Andrada ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

# O AVANÇO DO CONSERVADORISMO E A RESISTÊNCIA DA ESQUERDA: ANÁLISE DO CENÁRIO POLÍTICO DAS ELEIÇÕES BRASILEIRAS DE 2022

Gabrielle Cordeiro Queiroz de Souza<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa tem por objetivo analisar o que os governos de Lula e Dilma, ambos do Partido dos Trabalhadores, representante da esquerda no Brasil, fizeram que gerou uma onda reacionária de conservadorismo no Congresso e que se espalhou pelos cidadãos brasileiros e que elegeu Jair Bolsonaro em 2018. O segundo ponto fundamental da pesquisa é analisar as eleições de 2022 e o embate entre opositos: Lula e Bolsonaro. Para isso, na introdução é apresentada uma breve análise das ideias de direita e esquerda no mundo e como foram impostas no Brasil; em seguida é preciso relembrar o que representou os 14 anos do governo do PT; a compreensão de como Dilma Rousseff foi deposta e o surgimento de debates que envolveram pautas conservadoras é crucial para entender como Jair Bolsonaro conseguiu se eleger e compreender como foram seus quatro anos de mandato. Por fim, a análise do cenário político do primeiro e segundo turno das eleições de 2022. É esperado que ao final do trabalho fique claro para o leitor o que colocou e o que tirou Bolsonaro do poder, bem como a volta de Lula ao cenário político 11 anos depois.

**PALAVRAS – CHAVE:** Lula. Bolsonaro. Eleições. Esquerda. Conservadorismo

## 1. INTRODUÇÃO

Foi durante a Revolução Francesa (1789-1799) que os conceitos de direita e esquerda surgiram como uma forma de referencial espacial entre grupos que pensavam de maneiras opostas questões políticas. Durante a Assembleia Constituinte quem se identificava com os interesses do Rei ficava à direita do trono, defendendo a preservação da monarquia, o sistema feudal; ao passo que quem era contra os privilégios da coroa e aristocracia, sentava-se à esquerda, apoiando ideias republicanas e a ruptura do monopólio econômico, por exemplo.

Para Bobbio (1995) além de um referencial espacial a divisão entre esquerda e direita representa também uma divisão temporal entre, inovadores e conservadores, por exemplo. É justamente essa divisão que persiste ao longo da história até os dias de hoje, sofrendo algumas modificações dependendo do contexto histórico e político de cada país, mas as pessoas se reúnem em grupos em razão de um conjunto de ideias políticas parecidas que levam para a manutenção ou preservação do status quo de determinado grupo é a teoria que impulsiona a democracia.

No Brasil a oposição de ideologias vem desde o período do Primeiro Reinado, quando a Monarquia governou o Brasil existia os apoiadores e os contrários à família Real, já com a existências de dois partidos: o Liberal e o Conservador. Mas foi no período Republicano que a diferenciação ganhou mais força, com a criação de partidos que representavam fortemente as duas ideologias e reforçaram a luta entre o que eles defendiam. Mais tarde o país sofria o golpe que instaurou o período da Ditadura Militar (1965-1989) que foi caracterizado pelo “bipartidarismo”, mas em nenhum momento era permitido a existência oficial de algum grupo que se opusesse ao regime. Foi ainda no regime militar, no governo de João Figueiredo que a liberdade partidária foi autorizada, dessa forma, outros partidos foram criados como o Partido Democrático Social (PDS), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido dos Trabalhadores (PT) e também o Partido Democrático Trabalhista (PDT).

A grande vitória da esquerda no país foi com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores (PT), em 2003, figura que é considerada até os dias de hoje um dos maiores representantes dessa ideologia no país. A esquerda comandada pelo PT de Lula governou o país durante 14 anos. A grande mudança dos rumos da política brasileira começou a tomar forma com as manifestações de 2013 e com o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, A concretização dessa oposição e o fortalecimento dos ideais de direita e conservadores, culminaram na criação da figura de Jair Bolsonaro como um candidato e futuro ganhador das eleições de 2018 para o cargo de Presidente da República.

O presente artigo busca compreender o que os governos de Lula e Dilma, ambos do Partido dos Trabalhadores, fizeram que gerou uma onda de conservadorismo culminando na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Outro objeto de análise são as eleições de 2022 que teve como característica a volta de Lula e a tentativa de Bolsonaro de se manter no poder.

A pesquisa é dividida em seis partes elaboradas por meio de revisão de literatura. a primeira parte relembra de forma sucinta as principais características dos governos de Lula e Dilma; a segunda parte é dedicada a explicar o novo conservadorismo e seus aspectos no Brasil; na terceira parte é apresentado um panorama do que foram os 4 anos de governo de Jair Bolsonaro; a quinta seção é dedicada a mostrar de forma breve o cenário das eleições de 2022 e os resultados; por fim, mostrar as reações com a volta de Lula na presidência depois de 11 anos e como Bolsonaro se comportou ao perder o cargo.

## 2.A REPRESENTAÇÃO DA ESQUERDA NO PODER

### 2.1 Os governos de Lula e Dilma

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi eleito pela primeira vez para o cargo de presidente do Brasil em 2002 depois de já ter tentado chegar ao Executivo por três vezes – as outras tentativas foram em 1989, 1994 e 1994. Se antes ele era uma figura sindicalista e um tanto quanto radical nos momentos de discursar sobre os interesses da classe operária, foi na quarta tentativa com sua imagem modificada e com a propaganda de conciliar o Brasil que Lula conseguiu se eleger. Ele ficaria no poder por oito anos após conseguir se reeleger em 2006.

Para Bresser Pereira (2006), um governo de esquerda se eleger no Brasil não era uma tarefa difícil, já que as ideias defendidas por essa ideologia condiziam com a desigualdade social existente no país.

Essa desigualdade, somada aos baixos níveis de educação e de formação cívica do povo brasileiro, fazem-no esperar dos políticos um discurso voltado para melhor distribuição de renda. Os políticos de esquerda podem fazer isso de forma natural, sem necessariamente serem populistas; já os candidatos de direita só são capazes de formular um discurso dessa natureza sendo populistas. (BRESSER PEREIRA, 2006, p. 36)

Para o autor, no entanto, mesmo que o governo seja eleito representando os menos favorecidos, afirmando que vai combater as maiores mazelas do país, o governante precisa do apoio das classes mais altas para conseguir mudanças e por isso precisa da participação da direita para cumprir o que foi prometido. Foi assim com a eleição de Lula tendo como vice o empresário José Alencar (1931-2011) nos dois mandatos, e a eleição de Dilma Rousseff (PT) tendo Michel Temer (MDB) na chapa também nos dois mandatos, sendo que o segundo foi interrompido por um impeachment que colocou Temer na presidência. Fato é que, durante os governos os petistas precisaram ser uma espécie de conciliadores para conseguir efetivar as propostas de melhorar a vida do povo e ao mesmo tempo não perder influência e alianças.

Lula conseguiu desempenhar esse papel usando sua própria história de vida e mostrando para a população mais pobre que eles poderiam sonhar em melhorar de vida e que isso seria um compromisso de seu governo. Foi o que Lula fez, em certa medida, criando políticas de assistência como o Bolsa Família, fortalecendo a economia com o aumento das exportações e dando poder de compra para os mais pobres, aumento nos empregos e também um ganho real do salário-mínimo; os governos de Lula também garantiram a entrada de mais pessoas no ensino superior com o Universidade Para Todos (Prouni), garantia dos direitos trabalhistas de empregadas domésticas. Ao mesmo tempo, Lula não modificou a tributação dos mais ricos e não confrontou o sistema financeiro, ou seja, mesmo que seu governo tenha feito mudanças significativas para uma parcela da população que se reconhecia na história do presidente, pessoas pobres que queriam ascender socialmente, as outras questões de seu governo não representaram a ideologia da esquerda. (BRUM, 2019; SINGER, 2018)

Ao mesmo tempo, ao aproximar os mais pobres de bens materiais e de espaços até então exclusivos da classe média, o governo Lula atinge algo caro para essa classe média que era definida como “tradicional”: atinge aquilo que a diferenciava dos mais pobres. Essa perda foi sentida. Para essa parcela da sociedade, não eram os mais pobres que ampliavam seus direitos, mas ela que perdia seus privilégios — ou sua diferença “positiva” de classe. (BRUM, 2019)

O Partido dos Trabalhadores pretendia permanecer no poder e manter as mesmas políticas e alianças, porém, o contexto histórico, econômico e social que levou Dilma ao poder era bem diferentes da época em que Lula foi presidente, além disso, os dois são figuras bastante opostas, Dilma não conseguiu emplacar a propaganda de

“mãe dos pobres” da campanha eleitoral e não conseguiu ser a ponte entre os interesses da esquerda e da direita para governar durante todo o seu segundo mandato.

A grande virada na política brasileira começou a ser construída com as manifestações de 2013. O movimento começou contra o aumento na tarifa do transporte público e em pouco tempo os brasileiros foram às ruas pedir por outras melhorias. Mesmo a população que apoiava a esquerda e tinha votado no PT, mostrava-se insatisfeita com as políticas feitas pelo partido; a outra parcela da população, que nunca foi favorável aos governos de esquerda, aproveitou a oportunidade para mostrar a verdadeira face reacionária contra tudo o que foi conquistado pelas minorias nos anos anteriores.

É esse momento que Lacerda (2019) considera ter sido fundamental para a aparição de um movimento conservador no Brasil. O avanço da direita como reação a ascensão da esquerda no início do século XX, elegeu governos de direita em países da América Latina como no Paraguai em 2012, na Argentina em 2015 e o próprio Brasil em 2016 com a posse de Michel Temer após o impeachment de Dilma.

As causas desse movimento serão estudadas ainda por muitos anos, mas podemos mencionar a crise econômica após um período de relativa estabilidade e crescimento, que alimentou a insatisfação com os governos eleitos e com o sistema político em geral; o novo ambiente das mídias digitais [...] (LACERDA, 2019, p.17)

O que motivava essas pessoas eram principalmente o antipetismo e tudo o que o partido e seus representantes construíram e apoiavam e a luta contra a corrupção. Brum (2019) aponta que foram as manifestações de 2013 que puseram fim ao projeto de conciliação de Lula que fora defendido e elaborado durante todos os anos anteriores; além da boa fase da economia que manteve o país unido no início da década, tudo isso estava quebrado. Outro ponto importante é a relevância dada às redes sociais já nessa época com a difusão de todo o tipo de informação.

A Operação Lava Jato desencadeada em 2014 pelo Ministério Público do Paraná, também foi um dos pontos importantes para a queda do Partido dos Trabalhadores; operação buscava investigar esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro na Petrobras e em grandes obras de infraestrutura feitas ao longo dos anos. A ação teve desdobramentos em todo o país com o cumprimento de diversos mandatos de busca e apreensão e prisão de políticos. Uma nova onda de manifestações aconteceu em 2015, desencadeadas pela divulgação dos resultados das operações que ganharam mais espaço na mídia, com a população tomando maior conhecimento do que estava sendo investigado, muitos decidiram ir às ruas demonstrar apoio no combate à corrupção encabeçado pelo então juiz Sérgio Moro e aproveitaram para, mais uma vez, demonstrarem descontentamento com o governo de Dilma Rousseff.

O ponto chave da queda do PT foi o Impeachment de Dilma que começou a ser articulado em dezembro de 2015 e foi finalizado em agosto de 2016 com a cassação do mandato da então presidente, mas sem a perda dos direitos políticos. A principal acusação e justificava para o processo de impeachment era de que Dilma tinha cometido crime de responsabilidade por ter praticado pedaladas fiscais e editado decretos que permitiam abertura de crédito sem autorização do Congresso. Após o impeachment o vice-presidente, Michel Temer (MDB), assumiu a presidência.

Nos dois anos seguintes o que se viu no cenário político foi o crescimento da defesa de ideias conservadoras e a aparição cada vez mais frequente de Jair Bolsonaro, principalmente nas redes sociais. Lacerda (2019), aponta que não era necessária uma resposta neoconservadora, alegando que o candidato mais bem preparado para assumir o cargo seria Geraldo Alckimin, considerando as alianças políticas. Uma das causas que levou Bolsonaro ao poder foi a expansão do evangelismo e o apelo que as ideias conservadoras tinham em fazer a manutenção da ordem social.

### **3.0 novo conservadorismo e Jair Bolsonaro**

#### **3.1 Características do novo conservadorismo**

Lacerda (2019) defende que o movimento neoconservador apresenta ideias conservadoras e de direita: “a ideologia conservadora se desenvolve em uma situação histórica na qual um desafio importante aparece contra as instituições estabelecidas” (LACERDA, 2019, p. 24). Para a autora a criação de um pensamento conservador deriva de conflitos ideológicos e sociais dentro de um contexto histórico específico. No caso da situação do Brasil nos anos após as manifestações de 2013, existiu a busca da preservação da ordem social contra as políticas de

bem-estar social que beneficiaram os mais pobres e também contra os movimentos LGBTQIA+ e movimentos feministas.

O neoconservadorismo, portanto, é um ideário conservador e de direita e sua peculiaridade reside na centralidade que atribui às questões relativas à família, à sexualidade e a reprodução e aos valores cristãos. O movimento político conservador se materializou em uma coalizão. (LACERDA, 2019, p. 29)

Os principais aspectos desse novo movimento conservador, segundo Lacerda (2019), são a participação da religião cristã em tomadas de decisão política, a defesa patriarcal da família como reação às demandas do feminismo e do movimento LGBTQIA+, o militarismo anticomunista e o neoliberalismo.

Na legislação brasileira o único aborto autorizado é quando o feto é gerado em casos de estupro, parlamentares em meados de 2007 queriam alterar a lei proibindo qualquer prática abortiva. Ideias a favor da descriminalização do aborto são atribuídas ao governo Lula, especialmente a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres e do Ministério da Saúde que propunham rever a legislação para descriminalizar a ação e tornar o atendimento das mulheres mais humanizado (LACERDA, 2019, p.66).

No caso da comunidade LGBTQIA+, as reações conservadoras ganharam espaço porque o movimento teve algumas conquistas ao longo dos governos de Lula e Dilma. Em 2004 o Ministério da Saúde propôs campanhas de combate à violência e também a promulgação de uma Portaria do SUS que passou a regulamentar o processo transsexualizador. Outras temáticas que desencadearam reações conservadoras foram o julgamento no judiciário da constitucionalidade da união homoafetiva e do lançamento do Programa Escola sem Homofobia do Ministério da Educação em 2011; o objetivo era promover o respeito e desmistificar a comunidade LGBTQIA+ mas opositores, principalmente o então deputado Jair Bolsonaro, apelidaram a ação de “kit gay”, defendendo que as escolas promoveriam a homossexualidade e a promiscuidade.

Os protagonistas desses debates eram homens e em maioria se consideravam evangélicos, sendo possível identificar uma bancada com os seguidores dessa corrente religiosa. Outros aspectos defendidos eram pautas punitivas como forma de combater o crime e reorganizar a sociedade, ideias como a redução da maioridade penal (a PEC que prevê a redução foi proposta por um pastor, Benedito Domingos (PP-DF), ainda em 1993 e voltou aos debates em 2015 tendo 54 deputados evangélicos a favor), alteração na lei de drogas, revogação dos estatutos do desarmamento alegando que os cidadãos precisam das armas para legítima defesa pessoal e da propriedade.

Lacerda (2019) aponta que é na derrocada de governos de centro-esquerda que o novo conservadorismo ganha força, especialmente durante a 55ª Legislatura que começou em 2015. Foi a partir desse ano que os ideais pró família patriarcal cresceram e deram palco para que a candidatura de Jair Bolsonaro fosse uma realidade.

### **3.2 O governo de Bolsonaro**

Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente da República do Brasil com 57,8 milhões de votos no segundo turno das eleições de 2018 pelo pequeno Partido Social Liberal (PSL) com poucos recursos e pouco tempo de televisão para sua propaganda eleitoral, além de poucos aliados políticos (SINGER, 2021). Bolsonaro foi eleito em 2018 mesmo sendo uma figura desconhecida para muitos brasileiros, ele atuou como Deputado Federal pelo estado do Rio de Janeiro por sete mandatos, e despontou no cenário nacional justamente com o início da queda do PT e a ascensão de pautas conservadoras que começaram a ser debatidas e defendidas com maior frequência entre os deputados e difundidas com maior frequência entre a população com as redes sociais.

Na época das eleições pouco se via sobre o candidato nas propagandas eleitorais veiculadas na mídia, a campanha foi feita utilizando justamente a internet para espalhar as ideias que ele defendia: a força da família tradicional, a importância do exército, contra a “ideologia de gênero” e contra o “kit gay”, e principalmente, ele se apresentava como um político ficha limpa que colocaria fim na corrupção. O que menos se viu em seus anos como deputado e em sua campanha para presidente foi a defesa de questões sociais importantes como o combate à fome e o desenvolvimento da educação. Para Lacerda (2019), com base nos discursos feitos pelo então parlamentar nos seus 28 anos no Congresso, Bolsonaro foi em grande parte contrário a tudo que beneficiasse os mais pobres e as minorias como os povos indígenas, negros e LGBTQIA+.

Ao longo dos dezoito anos estudados não há menções relevantes a temas como saúde (a maior parte de referências ao tema é ao plano e ao fundo de saúde dos militares), saneamento, educação (exceto em relação ao “kit gay”), transportes, cultura e infraestrutura. Sobre

agricultura, parte de suas intervenções é contra o MST e contra as demarcações de terra indígenas. (LACERDA, 2019, p. 186)

Foi com esse tipo de discurso e com ideais bem delimitadas do que ele acreditava e pretendia fazer que Bolsonaro foi eleito. Existiu quem não o apoiasse totalmente, mas acreditava que a mudança estava nele, e teve os apoiadores que se sentiram gloriosos com o “mito” - apelido dado por eles ao presidente - no poder. Bolsonaro construiu a figura que representa muitos brasileiros, principalmente homens, brancos e de classe média: é preciso vencer o PT, preservar a família, gerar empregos e não se importar com as ideias criadas pelas minorias; por isso, mesmo sem defender o mínimo para um país funcionar corretamente, ele ganhou as eleições.

Logo no primeiro ano de governo, Bolsonaro teve desentendimentos com o PSL e deixou o partido, o presidente só se filiaria a outro grupo partidário em 2021, quando se juntou ao Partido Liberal (PL), além disso, o ano de 2019 foi de poucas mudanças políticas e muitas polêmicas envolvendo a figura pessoal do presidente e suas declarações que tiveram as redes sociais como o principal canal de comunicação. Bolsonaro não tinha uma base organizada no Congresso, o que impedia diálogos e aprovação de algumas medidas; mesmo assim, a Reforma da Previdência proposta pelo governo foi aprovada tendo como líderes na negociação os então presidentes da Câmara, Rodrigo Maia (DEM) e do Senado, Davi Alcolumbre (DEM). A taxa de juros teve queda e o FGTS foi liberado para a população como forma de movimentar a economia; a taxa de desemprego teve leve queda mesmo que com o avanço da informalidade.

Em contrapartida, o presidente assinou decretos que facilitaram a posse e o porte de armas de fogos (uma de suas promessas de campanha), incorporou definitivamente a pauta conservadora no seu cotidiano e a presença constante da religião, especificamente a Evangélica, - Bolsonaro foi o primeiro presidente a participar da Marcha para Jesus, o maior evento evangélico do Brasil - ; o aumento do desmatamento e queimadas na Amazônia e a recusa do presidente em discutir a demarcação das terras indígenas; as escolhas para ministros e representantes do governo também geraram polêmicas, uma sequência de ex-militares e apoiadores do conservadorismo marcaram o governo de Bolsonaro (MAZUI, 2019).

No início de 2020 o surgimento de um novo vírus com taxa de alta transmissão e letalidade, assolou todo o mundo e uma pandemia foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O novo coronavírus, denominado Covid-19 pelos cientistas, provocou uma crise sanitária, econômica e humanitária e as recomendações da OMS era de que quem pudesse deveria ficar em casa e quem precisasse sair que usasse máscaras de proteção e mantivesse distanciamento e não provocasse aglomerações. Após a fabricação da vacina contra a Covid-19, a maior recomendação passou a ser a imunização em massa das populações.

O que Jair Bolsonaro fez, no entanto, foi o contrário: ele se posicionou contra o distanciamento social e a defesa do funcionamento apenas de serviços essenciais como alimentação e farmácias, alegando que a economia não poderia parar. Bolsonaro também não utilizava máscara de proteção e se recusou a acreditar nas vacinas (uma das frases mais polêmicas e lembradas até hoje dita pelo presidente, é que as pessoas poderiam virar jacarés caso tomassem a vacina da fabricante Pfizer). Além de ter atrasado a compra dos imunizantes, em declarações que circularam nas redes sociais, debochou da doença a reduzindo a uma simples gripe e colocou governantes no Ministério da Saúde que nada entendiam sobre a importância de seus papéis.

## **4. Eleições 2022**

### **4.1 O cenário do 1º turno**

O ano de 2022 começou com a retomada da vida de antes da pandemia, com a flexibilização de restrições, as pessoas puderam voltar aos trabalhos presenciais, escolas, realizar eventos e viagens. Além disso, as eleições para presidente, senador, governador e deputados federais e estaduais marcaram todo o ano dos brasileiros com as expectativas do que seria definido para os próximos quatro anos.

A corrida presidencial foi marcada por muitos extremos e com candidatos com trajetórias e origens diferentes na política brasileira. Dentre os requerentes com maior representação parlamentar, estavam a candidata do União Brasil, Soraya Thronicke, apoiou Jair Bolsonaro em 2018 e conseguiu se eleger senadora pelo Mato Grosso do Sul, neste ano, se posicionou contrária a tudo o que ele representava (SENADORA SORAYA THRONICKE, 2020); Simone Tebet do MDB, foi eleita senadora pelo mesmo estado de Soraya em 2015 e participou da CPI da Covid-19 – uma comissão parlamentar de inquérito do Senado Federal para investigar crimes cometidos pelo Governo Federal durante a pandemia (SENADORA SIMONE TEBET, 2021). Ciro Gomes do PDT tentou pela 4ª vez se eleger presidente – as tentativas anteriores foram em 1998, 2002, 2018 -, e já atuou como Deputado Federal,

Governador do Ceará e Ministro da Fazenda de Itamar Franco e da Integração Nacional no primeiro governo de Lula (CIRO GOMES, 2022). O cientista político e escritor Felipe D'ávila foi o candidato do partido Novo e nunca tinha disputado outras eleições, figura nova no cenário político (FELIPE D'AVILLA, 2022). Por fim, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que foi presidente do Brasil por dois mandatos e retornou à uma campanha eleitoral depois de 11 anos, e Jair Bolsonaro (PL) que foi deputado federal pelo Rio de Janeiro por mais de 20 anos e chegou à presidência em 2018.

Entre nomes conhecidos e novos, todos se colocaram contra o então presidente Bolsonaro e contra a volta do ex-presidente Lula, e fizeram campanhas se propondo a lutar pelo futuro do país com mudanças nas mais diversas áreas, como econômica, educação, saúde e segurança. As temáticas mais abordadas foram a corrupção, o Auxílio Emergencial, a gestão do governo na pandemia, distribuição de renda e questões ligadas ao meio ambiente (CERQUEIRA; SAPIO, 2022; CERQUEIRA, 2022).

## 4.2 O cenário do 2º turno

Os brasileiros decidiram que Bolsonaro e Lula se enfrentariam no segundo turno e que um deles retornaria ao cargo de presidente do Brasil. Logo após o resultado do primeiro turno uma corrida contra o tempo foi iniciada com a busca de apoiadores políticos e campanhas que fizessem com que indecisos decidissem por um dos dois, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral cerca de 32 milhões e 770 mil brasileiros não foram às urnas no primeiro turno.

Lula conseguiu oficialmente o apoio de Simone Tebet (MDB), que mais tarde participaria ativamente da campanha do petista estando junto com ele em coletivas de imprensa, em passeatas pelo país e juntando as propostas de governos. O PDT de Ciro Gomes também declarou apoio a Lula, mas Ciro não se mostrou contente com os rumos da política e não foi figura muito presente no segundo turno. Entre os outros presidenciáveis com maior relevância, Felipe D'Avila declarou apoio a Bolsonaro e Soraya Thronicke não apoiou formalmente nenhum dos dois candidatos.

O ex-presidente Lula conseguiu apoio de políticos, ex-ministros do Supremo Tribunal Federal, juristas, economistas, artistas e personalidades e até mesmo antigos adversários, entre os nomes mais conhecidos e influentes está o de Joaquim Barbosa, ex-ministro do STF, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Marina Silva (Rede), atual senadora e também ex-ministra do Meio Ambiente (ACCARINI, 2022). Do outro lado, Bolsonaro conseguiu o apoio de seis governadores, entre eles Romeu Zema (Novo) de Minas Gerais, de deputados como o Presidente da Câmara Arthur Lira (PP-AL), entre outras personalidades e artistas (FAGUNDES, 2022).

Em relação as campanhas e propagandas políticas do segundo turno que durou 28 dias, os candidatos seguiram com o padrão que tinham montado no primeiro turno em relação as andanças pelo país e encontros com a população e apoiadores. Nesse quesito, Lula participou mais de passeatas e eventos que reuniam pessoas de todas as classes e idades, e Bolsonaro realizava mais eventos fechados, religiosos e quando ia para as ruas, não era visto tanto alvoroço quanto nos comícios de Lula.

Na propaganda eleitoral televisionada, Lula mudou um pouco a imagem que tinha feito anteriormente, se antes ele falava mais do que já tinha feito como presidente e não apresentava tantas propostas para o contexto dos próximos quatro anos, o candidato começou a mostrar que precisava mudar a forma de abordar sua imagem e ideias para atrair os indecisos que ainda tinham um pé atrás com a sua volta. Bolsonaro fez uma propaganda completamente diferente da de 2018 e no segundo turno de 2022 permaneceu com o que começou no primeiro: dessa vez ele possuía mais tempo na televisão e construiu a imagem do homem simpático, pai de família que consertou o país; ele também usou o tempo para falar das coisas que fez durante o mandato e reforçar que tudo continuaria para garantir a estabilidade e o desenvolvimento do país, ele apareceu dando relatos pessoais o que de certa forma humanizou tanto ele quanto seu governo.

O segundo turno também foi marcado pela forte oposição entre os apoiadores dos dois candidatos: existiu quem continuasse apoiando Bolsonaro independente da condução da pandemia, para muitos ele ainda é figura que representa os ideais conservadores e principalmente o combate a volta do PT. Existiu também quem seguisse apoiando Lula como na época em que ele foi presidente. É possível dizer também que existiu uma terceira via de eleitores no pleito de 2022, quem não queria a volta de nenhum dos dois, mas acreditava que a permanência de Bolsonaro significava um risco para o país e acabou se contentando que Lula seria o único político capaz de tirar o atual presidente do poder e fazer o Brasil voltar aos trilhos da democracia. A situação contrária também existiu, pessoas que não desejavam a volta de Lula e mesmo não simpatizando com tudo que Bolsonaro fez e falava, ainda assim achavam que a permanência dele seria melhor que a volta do petista.



O dia 30 de outubro de 2022 foi marcado pela mudança e ao mesmo tempo pela volta de uma figura já tão conhecida no meio político do Brasil e do mundo, Luiz Inácio Lula da Silva foi a escolha de 50,90% (60.345.999 de votos) dos brasileiros e Jair Bolsonaro foi votado por 49, 10% (58.206.354 votos). A vitória acirrada de Lula mostra que a derrota de Bolsonaro não representa a queda dos ideais defendidos por ele que o elegeram em 2018, pelo contrário, a não reeleição é apenas uma pequena chave de uma grande engrenagem de políticos conservadores e de direita que ganharam espaço no Congresso e Senado, além dos políticos, as ideias conservadoras seguem sendo motivo de luta de muitos brasileiros que rejeitam Lula e o PT.

Prova disso é a negação dos apoiadores em aceitar o resultado do pleito. Logo depois do resultado do segundo turno uma série de manifestações começaram por todo o país com pessoas alegando que o processo eleitoral foi fraudulento; bolsonaristas bloquearam rodovias em todo o país e em seguida partiram para as portas do quartéis do exército em diversas cidades exigindo que os militares resolvessem a situação do país.

Vale ressaltar que a revolta dos manifestantes não é válida em termos constitucionais, já que o sistema que elegeu Lula em 2022 é o mesmo que elegeu Bolsonaro em 2018, além disso, os apoiadores defenderam pautas antidemocráticas durante os atos, como intervenção militar e a prisão dos ministros do Supremo Tribunal Federal.

O Partido Liberal de Bolsonaro, elegeu oito senadores, totalizando o partido com maior bancada com 15 representantes (CASSELLA, 2022); outros grupos partidários simpatizantes do então presidente também obtiveram sucesso, de 27 senadores eleitos em 2022, 20 fazem parte do grupo que apoiaram o governo de Bolsonaro (FELICE, GRECCHI, 2022); o deputado federal que recebeu mais votos nas eleições é um bolsonarista, Nikolas Ferreira (PL), de 26 anos recebeu 1,47 milhões de votos (XAVIER, 2022).

#### **4.3 A postura de Lula e de Bolsonaro após a eleição:**

Logo após o resultado confirmado pelo Supremo Tribunal Federal na noite do dia 30 de outubro, Lula fez um discurso em um hotel da capital paulista para a mídia e apoiadores que estavam no local. O vencedor agradeceu os votos que recebeu, defendeu a democracia, fortalecimento de políticas de combate à violência contra mulheres, negros e a comunidade LGBTQIA+, além de reforçar que uma reestruturação seria feita para acabar com a fome e colocar o Brasil novamente como uma economia com relevância global.

A partir de 1º de janeiro de 2023 vou governar para 215 milhões de brasileiros, e não apenas para aqueles que votaram em mim. Não existem dois Brasis. Somos um único país, um único povo, uma grande nação[...]. É hora de baixar as armas, que jamais deveriam ter sido empunhadas. Armas matam. E nós escolhemos a vida. O desafio é imenso. É preciso reconstruir este país em todas as suas dimensões. Na política, na economia, na gestão pública, na harmonia institucional, nas relações internacionais e, sobretudo, no cuidado com os mais necessitados[...]. É preciso retomar o diálogo com o Legislativo e Judiciário. Sem tentativas de exorbitar, intervir, controlar, cooptar, mas buscando reconstruir a convivência harmoniosa e republicana entre os três poderes. (Presidente eleito Lula, discurso da vitória nas eleições em 30/10/2022)

Após a fala no hotel, Lula foi até a Avenida Paulista onde mais de 50 mil apoiadores o aguardavam. O presidente eleito então fez um novo discurso voltado para o povo e reforçando a necessidade de acabar com as desigualdades e a fome. Foi o ponto de retorno de um político que governou o país por oito anos, foi denunciado por esquemas de corrupção, preso e depois teve os processos dos quais foi réu anulados.

Seguindo pelo lado contrário da tradição de que o candidato perdedor deveria ligar para o ganhador e assumir publicamente a derrota após o resultado, Jair Bolsonaro só foi se pronunciar dois dias depois do segundo turno. Em poucas palavras, Bolsonaro agradeceu os milhões de brasileiros que votaram nele e disse que os movimentos dos apoiadores eram pela indignação e o sentimento de injustiça com o sistema eleitoral. O então presidente também reforçou que sempre atuou de forma democrática e que segue sendo liderança para quem defende os ideais de liberdade econômica, religiosa de opinião, honestidade e as cores verde e amarela da bandeira do país. Ele também reforçou que a luta dos representantes das ideias conservadoras continua.

Nossa robusta representação no Congresso mostra a força dos nossos valores, Deus, pátria, família e liberdade. Formamos diversas lideranças pelo Brasil. Nossos sonhos seguem mais vivos do que nunca, somos pela ordem e pelo progresso. Mesmo enfrentando todo o sistema superamos a pandemia e as consequências da guerra. [...] Sempre fui rotulado como antidemocrático e ao contrário dos meus acusadores, sempre joguei dentro das quatro linhas

da constituição. Enquanto presidente e cidadão continuarei cumprindo os mandamentos da constituição. (Presidente Bolsonaro, discurso da derrota nas eleições, 01/11/2022)

Luiz Inácio Lula da Silva tomou posse pela terceira vez como presidente da República no dia primeiro de janeiro de 2023 diante de cerca de 300 mil brasileiros de todo o país que viajaram até Brasília para ver a cerimônia e participar das festividades. Um dos momentos mais importantes e aguardados de uma posse é a passagem da faixa presidencial do atual governante para o que foi eleito para os próximos quatro, o que não aconteceu este ano. Jair Bolsonaro viajou para os Estados Unidos dias antes do final de seu mandato e não compareceu à posse de seu sucessor e não fez a passagem da faixa, no lugar dele, foram selecionados alguns brasileiros que representaram o povo para entregar o objeto para Lula.

## 5. Conclusão

Para Bobbio (1995), faz parte da democracia essa espécie de dança entre as oposições, sociedades democráticas “[...] *pressupõem a existência de diversos grupos de opinião e de interesse em concorrência entre si; tais grupos às vezes se contrapõem; às vezes se superpõem; [...]*” (BOBBIO, 1995), no caso da política, as oposições sempre coexistiram, em determinado momento a esquerda se sobressaiu como nos 14 anos do governo do PT e em outros cenários a direita predominou como nos quatro anos de governo Bolsonaro.

Os governos do PT conseguiram modificar a vida de muitos brasileiros ao criar as políticas de bem-estar social e dar voz à maioria, questões que incomodaram boa parcela da população que não aceitavam que mulheres, negros, e a comunidade LGBTQIA+, por exemplo, tivessem seus direitos garantidos e expressamente compartilhados em todos os espaços. Foi justamente a garantia de mais espaço e direitos para esses grupos que gerou uma onda reacionária de conservadorismo levando ao Executivo Jair Bolsonaro, com isso, essas minorias apareceram pouco durante os quatro anos de governo.

O que é possível concluir com o presente trabalho é que as diferentes ideologias vão continuar coexistindo, uma vez que um dos maiores representantes da esquerda no país voltou ao Executivo depois de 11 anos e tendo novamente como vice um representante da direita, mais uma vez é montada uma imagem de um governo de conciliação e, dessa vez, de recuperação e reestruturação do país em todas as esferas. No caso do conservadorismo defendido por Bolsonaro, ele segue ganhando espaço e demonstrando sua força com a eleição de vários representantes para Câmara e para o Senado e também por ser um espelho de boa parte dos brasileiros, o cidadão de bem que defende a propriedade e a família.

Após a eleição de Lula para cumprir seu terceiro mandato como presidente é esperado que ele e seus aliados entendam que a situação do país é outra e, por isso, é preciso pensar em novas políticas e em novos diálogos entre os opositores e também com o povo que se tornou mais cobrador de promessas de campanha com a rápida difusão de ideias e informações permitidas com as redes sociais. É esperado que os próximos quatro anos sejam da reativação da política feita por ele mesmo em seus mandatos anteriores: dar voz às minorias representativas enquanto tenta abraçar também os interesses dos mais ricos para se consagrar como um político que veio do povo e trabalha com o povo e para o povo e assim conseguir resolver os problemas do país.

## REFERÊNCIAS:

ACCARINI, André. **Mais de 200 artistas, juristas e políticos já declararam apoio a Lula. Veja quem são.** 2022. Disponível em <<https://www.cut.org.br/noticias/mais-de-200-artistas-juristas-e-politicos-ja-declararam-apoio-a-lula-veja-quem-s-8d95>>. Acesso em 17 de dez. 2022.

ATUAÇÃO EM COMISSÕES, **Simone Tebet.** 2021. Disponível em <<https://senado.simonetebet.com.br/>>. Acesso em 17 de dez. 2022

BIOGRAFIA. **Ciro Gomes.** 2022. Disponível em <<https://www.cirogomes.com.br/biografia>>. Acesso em 17 de dez. 2022.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política.** São Paulo, Editora da UNESP. 1995.

BRESSER-PEREIRA, L.C. **O paradoxo da esquerda no Brasil.** Novos Estudos CEBRAP, (74), 25-45. 2006.

BRUM, Eliane. **Brasil: construtor de ruínas.** Porto Alegre, Arquipélago LTDA. 2019.

CERQUEIRA, Carolina. **Debate é marcado por ataques entre candidatos, direitos de resposta e ausência.** 2022. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/debate-e-marcado-por-ataques-entre-candidatos-direitos-de-resposta-e-ausencia-d/>>. Acesso em 17 de dez. 2022.

CERQUEIRA, Carolina; SAPIO, Marcelo. **Último debate presidencial é marcado por trocas de acusações e sequência de pedidos de direito de resposta,**2022. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/ultimo-debate-presidencial-primeiro-turno-eleicoes-2022/>>. Acesso em 17 de dez. 2022.

FAGUNDES, Murilo. **Governadores de mais 6 estados declaram apoio a Bolsonaro.** 2022. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/eleicoes/governadores-de-mais-6-estados-declaram-apoio-a-bolsonaro/>>. Acesso em 17 de dez. 2022.

FELICE, R. GRECCHI, F. **Dos 27 senadores eleitos este ano, 20 são apoiadores de Bolsonaro.** 2022. Disponível em <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5041513-dos-27-senadores-eleitos-neste-ano-20-sao-apoiadores-de-bolsonaro.html>>. Acesso em 5 de jan. 2023.

G1. **Leia e veja a íntegra dos discursos de Lula após a vitória nas eleições.** 2022. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/leia-e-veja-a-integra-dos-discursos-de-lula-apos-atoria-nas-eleicoes.ghtml>>. Acesso em 6 de jan. 2023.

PESQUISAS ELEITORAIS. G1, 2022. Disponível em <<https://especiaisg1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisas-eleitorais/>> Acesso em 17 de dez. 2022.

QUEM É O FELIPE? **Felipe D'Avilla,** 2022. Disponível em <<https://felipedavila.com.br/>>. Acesso em 17 de dez. 2022.

SINGER, André. **A reativação da direita no Brasil.** Opinião Pública, Campinas, vol.27, n° 3, set-dez, p. 705-729, 2021.

SORAYA THRONICKE. **Soraya Thronicke,** 2020. Disponível em <<https://www.sorayathronicke.com.br/>>. Acesso em 17 de dez. 2022.

UOL, **Pronunciamento de Bolsonaro: veja o discurso completo do presidente após derrota nas eleições.** YouTube, 2022. Disponível em <Pronunciamento de Bolsonaro: veja o discurso completo do presidente após derrota nas eleições>. Acesso em 5 de jan. 2023.

XAVIER, L.G. **Nikolas Ferreira é o deputado mais votado do país com 1,47 milhão de votos.** 2022. Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/911272-nikolas-ferreira-e-o-deputado-mais-votado-do-pais-com-147-milhao-de-votos/>>. Acesso em 5 de jan. 2023.